



**Universidade Federal de São Carlos
Centro de Ciências Humanas (CECH)
Departamento de Psicologia
Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras/Língua Portuguesa**

Surdos tradutores de seus conteúdos em redes sociais

Flávia Vieira de Lima

São Carlos
2019

Surdos tradutores de seus conteúdos em redes sociais

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS / Língua Portuguesa da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, para obtenção do título de Bacharela em Tradução e Interpretação em Libras / Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^ª. Ma. Janaina Cabello

São Carlos
2019

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à Bruno Straforini, que amo pela pessoa que é, pelo coração, pela alegria constante, pela positividade e pela energia que carrega e dividiu comigo nas minhas quedas e dúvidas quanto à graduação, por ficar por perto todas as vezes em que lidar com a pressão (externa e interna) sozinha seria pesado demais.

Tudo que escrevo e reflito sobre a comunidade surda e sobre a tradução e interpretação tem você e tudo que me ensinou como base, não apenas sobre a Libras, mas sobre a vida, sobre perdoar e pegar mais leve, por isso este trabalho e todas as minhas práticas dedico a você.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Bruno que foi a porta de entrada para eu me encontrar profissionalmente e por permanecer até hoje me lembrando de que tenho mais motivações do que limites. Obrigada por ser a imagem na minha cabeça sempre que atuo para/com outros surdos, por ser meu modelo e luz durante os anos de graduação, também os que antecederam e aos que virão.

Agradeço aos meus pais que mesmo não compreendendo minhas escolhas e temendo por mim, ainda assim estão sempre dispostos a fazer o melhor para eu conquistar meu lugar; pelos conselhos e humildade que eles carregam de forma genuína, me permitindo ter em casa algo que muitas vezes não encontro no mundo.

Aos professores que souberam, muitas vezes, ouvir meus altos e baixos, aconselhando e tendo paciência com minha falta de experiência de vida. Eles que, em diversas ocasiões, apontaram minhas potencialidades e as desafiaram me fazendo atingir visões de mim que antes acreditava ser inalcançável. Em especial à Jana, que compreendeu meu tempo mais do que eu, e por acreditar no meu tema.

Finalizo agradecendo à comunidade surda do Brasil que me acolheu como parte dela, por me olhar como alguém além da cadeira. Obrigada pelo lugar e pelas lutas que aceitaram dividir comigo, principalmente aos amigos que fiz e que acreditam no meu trabalho como tradutora.

RESUMO

Este trabalho é construído através de relatos vivenciados por mim no meu convívio e atuação ao lado de pessoas surdas, que trabalham se comunicando com seu público prioritariamente através de redes sociais, mais especificamente duas delas: *YouTube* e *Instagram*. Os relatos apresentados serão focados nos processos de tradução dos conteúdos desses surdos, apontando que eles são autores e tradutores de seus vídeos, de forma que, podem ser considerados tradutores surdos de Libras e Português por realizarem essa prática em mídias sociais. Meu objetivo aqui é mostrar que cada vez mais os surdos que fazem uso de redes sociais para visibilizar seus pensamentos e se posicionarem, compreendem a importância do bilinguismo nas mensagens a serem transmitidas. Essa possível constatação faz com que eles ajam em relação a essa demanda, traduzindo para o Português seus vídeos e, também, em alguns casos, traduzindo para a Libras acontecimentos e mobilizações sociais. Acompanhar de perto alguns desses trabalhos me fez pensar na importância de ressaltar que surdos podem ser tradutores e tradutoras de Libras e Português, assim como os ouvintes. Neste trabalho, exemplifico alguns desses modelos de tradução, relato minha experiência e contribuição para eles e defendo que essas práticas, mesmo quando executadas sem formação teórica formal do campo da tradução, são práticas tradutórias que perpassam pelas mesmas etapas (culturais e lingüísticas) de processos tradutórios realizados por ouvintes.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução Libras/Língua Portuguesa. Tradutor surdo. Redes sociais.

SUMÁRIO

1. Apresentação.....	8
2. Introdução.....	10
2.1 Tradução e interpretação entre línguas orais e línguas de sinais.....	10
2.2 Fidelidade no processo tradutório.....	13
2.3 Tecnologias contribuindo na tradução de línguas de sinais.....	14
3. Surdos Influenciadores digitais.....	16
3.1 Interação e influência virtual com o público.....	17
3.2 Produção de material bilíngue.....	18
4. Metodologia.....	20
5. Materiais traduzidos pelos surdos criadores.....	21
5.1 Modelo de conteúdo traduzido na direção Libras – Português.....	21
5.2 Modelo de conteúdo traduzido na direção Português – Libras.....	26
5.3 Comparação de créditos em vídeos traduzidos por surdo e ouvinte.....	28
6. Conclusão.....	31

1. APRESENTAÇÃO

Conheço e convivo com a comunidade surda há quase nove anos e, desde então, minha visão sobre a profissão do tradutor intérprete de Libras vem sendo moldada, partindo do leigo assistencialismo (GUARINELLO, *et. al*, 2006) até a minha perspectiva atual. Para mim, não há tradutor intérprete capacitado para exercer tal prática sem o acompanhamento da pessoa surda. O que antes, era visto como um auxílio do ouvinte para o surdo, hoje é uma parceria entre ambos.

Vejo que os bons intérpretes de Libras - Português (profissionais com conhecimento e vivência em ambas as línguas e culturas) ou têm contato habitual com surdos ou já o tiveram por um longo período, durante sua formação dentro da comunidade surda. As técnicas desenvolvidas, as expressões faciais e corporais, os “trejeitos surdos” (PERLIN, 2012), as possibilidades linguísticas de equivalência e expressividade, ou seja, tudo aquilo que é aprendido no convívio com pessoas surdas. Sendo assim, entendo que o conhecimento tradutório e interpretativo entre Libras e Português vem da parceria com os surdos e, com eles, nós ouvintes, aprendemos a ser intérpretes de Libras.

Atualmente ampliei meu contato com a comunidade surda, já que antes eu mantinha contato apenas com uma comunidade surda local e com contato presencial, e hoje mantenho contato com diferentes perfis de surdos de todo o Brasil, através de redes sociais. Numa delas em específico me comunico integralmente em Libras, o que faz muitos de meus seguidores virtuais me questionarem se sou surda ou ouvinte. Uma pergunta quase que diária, que respondo sempre com tom de riso, pois para mim há uma grande distinção na língua sinalizada dos surdos e dos ouvintes.

No entanto, há um tempo, recebi uma pergunta formulada de forma inédita, que me fez refletir sobre a forma como vemos a profissão do tradutor intérprete de Libras. Recebi: “você é surda ou intérprete?” Ué? Eu não poderia ser os dois?

Foi a partir dessa pergunta, então, que o tema dessa pesquisa surgiu: os surdos poderiam ser eles mesmos tradutores de conteúdos das redes sociais? A partir de meu contato com a comunidade surda, eu já percebia essa prática acontecendo cotidianamente, mas a questão me fez querer olhar com mais atenção a respeito, originando o tema dessa pesquisa.

Assim, no capítulo 1 apresento uma breve introdução, abordando aspectos relacionados à tradução nos campos das línguas orais e de sinais e discussões relacionadas à “fidelidade” da tradução. Apresento ainda aspectos relacionados em como as tecnologias têm contribuindo para as traduções nas/das línguas de sinais. No capítulo 2 apresento o conceito de “influenciador digital”, discutindo sobre surdos influenciadores digitais, a interação e a influência virtual deles com o público e suas produções bilíngues.

No capítulo 3 apresento a metodologia adotada na pesquisa e, no capítulo seguinte discuto a respeito de materiais traduzidos pelos surdos criadores, apresentando alguns exemplos. Por fim, no quinto e último capítulo, trago algumas conclusões obtidas a partir do que foi encontrado com a pesquisa.

Assim, o trabalho que acessarão em seguida se inicia com uma passagem resumida sobre os estudos da interpretação que tive durante a graduação, falando sobre as diferentes modalidades que a compõem, teorias e práticas que tive a oportunidade de ter a experiência e discuti-las. Seguindo com uma conexão entre a prática tradutória e os surdos, apresentando o papel deles nesse ensino e pesquisas que envolvem a área. Finalizando, então, com os recortes de traduções realizadas por surdos em que eu participei, explicando esses processos e possíveis estigmas que fizeram parte dessas produções. Os recortes serão exibidos com imagens e descrição do processo.

2. INTRODUÇÃO

Minha vivência com a comunidade surda vem de antes da minha atual graduação no bacharelado em tradução e interpretação em Libras e Português (TILSP). Confesso que ingressei pensando que pouco aprenderia sobre a interpretação e sobre os estigmas carregados pelos surdos. Agora, cinco anos mais velha – em idade, aprendizagem, teorias e experiências – compreendo de forma mais íntima não só a comunidade, mas também a classe profissional que trabalha diretamente com ela (faz parte dela).

Durante o período acadêmico, desbravando diferentes perspectivas sobre o trabalhar com os surdos, a ética que envolve essa função, os diversos conceitos que nomeiam as práticas tradutórias e interpretativas, reconheço que, ao invés de respostas, o que mais me surgiram foram perguntas, uma delas, em especial, causou em mim uma inquietude que se destacou das demais: e os surdos tradutores, onde estão? Digo isso porque durante meus anos na graduação, apenas um aluno autodeclarado surdo ingressou para o curso, entre tantos e tantos ouvintes.

Lembro-me perfeitamente de, ao sabermos do ingresso desse novo aluno para a graduação TILSP, presenciei a seguinte fala: “Mas esse curso não foi pensado para surdos!”. A partir de então minha cabeça ecoou sentenças retóricas que, muitas vezes, me tiraram o sono, até que me motivaram a fazer desse tema o assunto do meu trabalho de conclusão de curso. Claramente não espero trazer aqui uma resposta, mas sim uma reflexão sobre surdos atuando como tradutores de Libras e Português de modo eficiente e qualificado, apresentando exemplos e potencialidades.

Aqui eu trago processos tradutórios dos quais eu fiz parte, o que me deixa bem mais confortável para dialogar sobre isso - sendo eu uma não surda. Tais experiências me esclareceram questões que eu carreguei por anos, no entanto, eu não considero que essas mesmas questões tenham o mesmo esclarecimento no meio acadêmico, novamente lembrando do episódio que presenciei sobre o ingresso de um aluno surdo. Por tudo isso que pontuei aqui, espero fazer deste trabalho uma verdadeira contribuição para os graduandos que, assim como eu, podem ter se perguntado se a função para a qual estudamos é uma possibilidade exclusivamente para ouvintes.

2.1 Tradução e interpretação entre línguas orais e línguas de sinais

É comum se ouvir falar sobre tradução quando o assunto são línguas orais em acontecimentos em que figuras públicas estrangeiras visitam nosso país e fazem discursos, sejam eles políticos ou até mesmo filantrópicos. Os fãs de premiações musicais e cinematográficas mundiais provavelmente já ouviram na televisão uma voz tradutora em Português que sobrepõe uma voz ao fundo em outra língua – quase sempre o inglês -, chamamos essa voz de “tradução ao vivo” porque crescemos vendo a televisão nomear dessa forma tal prática. Poucos conhecem de fato que essa modalidade não se trata de tradução, mas sim de interpretação, são definições distintas que determinam diferentes atuações.

Interpretação é transmitir uma mensagem de uma língua para outra ali na hora; face a face. Ainda pensando no modelo de premiação global, a interpretação nessa situação seria ouvir a fala em inglês feita ao vivo, processar mentalmente e tecnicamente a forma adequada de trazer o mesmo sentido para o Português e, então, fazer o enunciado, tudo ali naquele momento, sem tempo para pesquisas e grandes correções.

Explicado o conceito de interpretação, fica o questionamento sobre o que então seria a tradução – aqui, já tendo como foco do processo as línguas orais e as línguas de sinais. Embora alguns autores defendam que as práticas de tradução e interpretação da Libras sejam complementares (LACERDA, 2009), outros autores assumem que os conceitos remetem a tarefas distintas. Para esses autores, a tradução sempre envolve uma língua escrita, podendo haver

[...] uma tradução de uma língua de sinais para a língua escrita de uma língua falada, da língua escrita de sinais para a língua falada, da escrita da língua falada para a língua de sinais, da língua de sinais para a escrita da língua falada, da escrita da língua de sinais para a escrita da língua falada e da escrita da língua falada para a escrita da língua de sinais (QUADROS, 2004, p. 09).

Assim, o que diferiria a tradução da interpretação são os recursos possíveis nessa prática, pois diferente da interpretação, a tradução não acontece ali na hora e permite o tempo de pesquisa, revisão e grandes correções. A tradução (no caso das línguas de sinais) se faz necessária em materiais audiovisuais que não são abertos ao público no exato momento da criação, ou seja, tendo em mãos um material a ser traduzido, o profissional tem um determinado prazo para entregar o conteúdo traduzido. Esse tempo permite que

mais pessoas da área sejam consultadas, que pesquisas virtuais e bibliográficas sejam realizadas, trazendo mais conforto para o tradutor, que pode se assegurar de corrigir os possíveis erros antes da entrega do trabalho.

Mesmo assumindo as diferenças entre tradução e interpretação, reconhecemos que a prática tradutória tem semelhanças com a interpretação, ainda visando em conteúdos que envolvem uma língua de sinais e uma língua oral, o objetivo é o mesmo: construir o mesmo sentido da língua alvo para a língua fonte, ambas para chegarem eficazmente ao público precisam de um profissional proficiente em ambas as línguas e culturas envolvidas – pensando que língua e cultura andam juntas. A esse respeito, Andrade, Barbosa e Lourenço (2015, p. 3), afirmam que:

Há similaridades e diferenças entre a prática da tradução e da interpretação. A primeira semelhança é o fato de que ambos os processos envolvem a comunicação. Pode-se dizer que tanto o tradutor quanto o intérprete precisam tomar decisões. Ambos precisam conhecer a cultura das línguas envolvidas e ter um repertório linguístico que os permita transitar de uma língua para outra.

Nessa direção, para Rodrigues (2013, p. 268),

A despeito do efeito de modalidade, temos visto que, no que se refere ao processo cognitivo envolvido na interpretação entre uma língua oral e outra de sinais, há poucas evidências de que o intérprete realize uma atividade diferente daqueles que interpretam entre duas línguas orais (ISHAM, LANE 1993; ISHAM, 1994). Portanto, a única diferença, talvez, resida no fato de que o tradutor e o intérprete de língua de sinais transitam entre diferentes modalidades, o que traz algumas implicações, também, à atuação tradutória ou interpretativa (ISHAM, 1995; PADDEN, 2000; QUADROS, SOUZA, 2008).

Sobre a especificidade do processo de interpretação entre as línguas orais e de sinais, consideramos que a interpretação pode acontecer em duas direções: na direção Libras – Português e na direção Português – Libras. O que difere a primeira direção das interpretações de língua visual para língua oral é que o contato visual com a língua é imprescindível. Dentro dessas direções são possíveis três modalidades de interpretação: a consecutiva, a intermitente e a simultânea (mais comum nas mídias sociais – janela de interpretação).

A consecutiva consiste em ter inicialmente contato com todo o discurso, pensar na melhor forma de interpretá-lo, sendo possível a tomada de notas para não perder a construção do enunciado; a intermitente por sua vez interpreta o discurso por partes,

fazendo pausas na fala do enunciador, fazendo um bate e volta entre língua fonte discursando e língua alvo interpretando; por fim a modalidade simultânea – também a mais conhecida – é a interpretação que acontece sem intervalos e sem tomada de notas, o profissional intérprete recebe o discurso e constrói na mesma hora uma estrutura linguística na língua alvo e passa para o público.

Segundo Santos (2013), foi apenas nas últimas duas décadas que os estudos da tradução começaram a se configurar no Brasil. A esse respeito, de acordo com Quadros e Segala (2015), “por vários anos, as produções sobre a tradução e/ou a interpretação da Libras e Língua Portuguesa estiveram presentes nos campos educacionais e linguísticos, com enfoque mais aplicado, especialmente voltados para o estudo das práticas de tradução e/ou interpretação em contextos educacionais” (p. 355).

Atualmente, porém, a tradução entre línguas orais e língua de sinais no país têm se deslocado cada vez mais para outros campos de estudo (como os Estudos da Tradução), o que também amplia a discussão a respeito das práticas e fazeres de tradutores em outras esferas, não apenas no contexto educacional, como apontado por

Somado ao deslocamento do campo de estudos envolvendo a tradução entre Libras e Língua Portuguesa, temos também a ampla disseminação dos recursos digitais entre usuários surdos e ouvintes – em contextos mais diversos. Isso porque os recursos digitais (principalmente o amplo acesso atualmente às produções de vídeos e imagens – estáticas e em movimento) amplia a possibilidade de produção e de circulação de materiais traduzidos para a Libras (e, também, possibilitam a produção de materiais diretamente em Libras e depois traduzidos para o Português), como destacarei a seguir.

2.2 Fidelidade no processo tradutório

Falei brevemente sobre as possibilidades de uma tradução no quesito técnico, complemento agora falando sobre a fidelidade de um processo que envolve uma só mensagem, que perpassa duas línguas e duas culturas.

Quando iniciei meus estudos na área de tradução e interpretação eu tinha a consciência de que não existirão sempre termos equivalentes na Libras e no Português, mas de certa forma ainda não havia aprofundado na minha prática o que de fato isso significa. Ao longo das disciplinas na graduação falamos muito sobre fidelidade e o que ela quer dizer nesse campo, que não necessariamente tem a ver com termos e equivalência, mas sim no sentido da mensagem desde sua intenção inicial até seu ponto de chegada.

Para eu compreender o que sentido quer dizer tive que ter um olhar mais sensível para as diferentes formas de entender o mundo nos surdos e nos ouvintes, como chegar até eles e levar a mensagem transmitida de forma eficiente, cumprindo seu papel – o de tocar e ser entendido. As culturas desses dois grupos são consideradas nessa etapa, a da forma de entendimento de cada um, como tradutora intérprete eu preciso conhecer esses dois lados, indo até mais além do entendimento de grupo e afunilando também no perfil de entendimento individual.

Ser fiel ao discurso da língua fonte não é levar o enunciado da mesma forma que me foi passado, é explorá-lo e desvendar seu real objetivo, transformá-lo sem ressignificar e entregá-lo para a língua alvo de forma a ser entendido como foi pretendido pelo autor. Entendo, então, que fidelidade não é ambas as línguas serem iguais, mas sim, justamente, serem diferente como elas se mostram e se comunicam.

2.3 Tecnologias contribuindo na tradução de línguas de sinais

Nas línguas de sinais, que são línguas visuais, é imprescindível o contato visual (exceto na Libras tátil – língua de sinais falada através do toque para se comunicar com pessoas surdocegas). Sendo assim, temos em mãos nos dias de hoje muitas tecnologias que facilitam a disseminação dessas línguas pelas mídias sociais, através de vídeos. Nesse sentido, de acordo com Baptista, Ribeiro e Ribeiro (2017), “as tecnologias midiáticas vêm se configurando como uma possibilidade de comunicação e interação entre surdos que usam a língua de sinais como meio de comunicação e interação” (p. 45).

No contexto dos usos de recursos digitais pelos surdos, os autores ainda afirmam que:

[...] a existência e o uso bilíngue de blogs, redes sociais etc., podem ser promotores da língua e da cultura dos sujeitos surdos sinalizantes, uma vez que funcionam como uma espécie de soft Power (NYE, 2004) dessa comunidade lingüístico-cultural. A eficiência dessa apropriação das tecnologias para esse fim requer domínio real e isso equilibrado das duas línguas em questão (BAPTISTA, RIBEIRO, RIBEIRO, 2017, p. 45).

O avanço das tecnologias digitais proporcionou “uma revolução no mundo das comunicações: acesso a equipamentos sofisticados, rapidez de comunicação, facilidade,

espontaneidade na transmissão das mensagens, custo acessível aos usuários, entre outras” (BAPTISTA, RIBEIRO, RIBEIRO, 2017, p. 47).

Assim, é também cada vez mais simples produzir um conteúdo em Libras e publicá-lo em redes sociais, alcançando um número maior de pessoas do que se apenas contatá-lo pessoalmente. Tendo um *smartphone* em mãos com os aplicativos certos baixados, seu vídeo em Libras pode ter não apenas língua de sinais, mas áudio (tradução oral), legenda (tradução escrita), efeitos, cortes, eliminação de falhas e antes de publicar pode ainda consultar melhorias, tudo que cabe numa tradução.

3. SURDOS INFLUENCIADORES DIGITAIS

Com as possibilidades e facilidades que as tecnologias atuais nos proporcionam enquanto sociedade, vemos aumentar o número de novas profissões que lidam diretamente com o público online. Se eu visitar as grandes e médias cidades do país dificilmente não encontrarei rede de internet sem fio em estabelecimentos comerciais, restaurantes, shoppings, também há uma infinidade de pacotes de dados oferecidos por baixo preço pelas operadoras telefônicas. As ligações não acontecem mais de forma convencional, ligações atualmente, em sua maioria, ocorrem através de aplicativos de conversação, o que ampliam as possibilidades uma vez que avançamos de ligações apenas de voz para também vídeo chamada.

Inicialmente pode até parecer confuso rotular como profissão interações sociais online, podendo até abrir margem para interpretações equivocadas de que se trata de algo fácil e feito por qualquer um. No entanto, não é um conceito tão raso quanto possa parecer, ser um profissional digital exige muita dedicação, planejamento, estudo do público, algo, criação de conteúdo relevante para esse público – nicho -, qualidade nas produções, engajamento (interação do criador com o público e vice versa) e perfil para essa atuação.

Entre as profissões digitais estão os *youtubers*, que são pessoas que produzem conteúdo especificamente na plataforma do *YouTube* onde o foco é prioritariamente vídeos. E há, entre os ouvintes, uma infinidade de temas abordados por diferentes pessoas no mundo inteiro [Jc1], deixando conteúdo público online sobre quase tudo que possamos e/ou tenhamos o interesse de nos aprofundar. Também é um espaço em que grupo socialmente minorizados encontraram para conquistar local de fala, se posicionar, se mobilizarem enquanto coletivos e ganharem visibilidade para suas causas.

Não demorou muito para que surdos também começassem a ocupar essa rede social e aperfeiçoarem enquanto também profissionais *youtubers*. Os assuntos não se limitam a falar apenas sobre as questões que envolvem ser surdo, surgiram também canais em Libras feitos por surdos para falarem sobre maquiagem, história, acontecimentos, representatividade LGBTQ+, relacionamentos, contabilidade, música, arte, dentre outros muitos temas [Jc2].

Muitos desses surdos têm alta influência na formação de opinião de seus seguidores – o mesmo acontece com os *youtubers* ouvintes -, acabam se tornando modelo sobre como se vestir, sobre quais assuntos refletir, sobre como se posicionar socialmente, sobre o que reivindicar enquanto surdo na luta por direitos e espaço na sociedade. Ser parte de uma

minoria e ver um semelhante alcançando visibilidade nacional fortalece os demais para acreditarem que novas possibilidades para esse grupo surgiram.

Os *youtubers* surdos fazem uso de outras redes sociais para manterem uma relação mais próxima com seus seguidores – novamente assim como os ouvintes -, o *Instagram* é a maior delas em engajamento[Jc3] . Essa rede social aproxima, pois mostra um lado mais íntimo dos *youtubers*, se no *YouTube* são postados apenas vídeos de conteúdo específico profissional, no *Instagram* o dia a dia daquela pessoa tida como pública é aberta para todos, permitindo que seus inscritos os conheçam mais de perto, já considero inclusive uma relação de fãs e ídolos pelo que acompanho de perto e os próprios seguidores se nomeiam assim: fãs.

O *Instagram* funciona para o público conhecer mais de perto os *youtubers* surdos, mas também é muito útil para os influenciadores digitais estudarem e entenderem melhor o perfil das pessoas que os seguem. Isso contribui para os acertos e escolhas de temas para criações, próximos vídeos, linguagem mais assertiva, horários para publicações que gerem mais engajamento etc. Esse olhar fez os *youtubers* surdos perceberem que grande parte do seu público são pessoas não falantes de Libras, ouvintes e surdos oralizados (falantes do Português oral), concluindo que para atingir a todos é necessário que os conteúdos sejam traduzidos.

3.1 Interação e influência virtual com o público

A popularidade para os surdos influenciadores digitais se materializa em números, os números de curtidas nas publicações, nas postagens, nos comentários e nos seguidores. Algo anteriormente realizado apenas por ouvintes, agora é crescente os surdos que se espelham nos para criarem novos canais com assuntos dos mais diversos.

Essa conexão diminui a distância física entre a comunidade surda, que tem se contato cada vez mais, não apenas em associações de surdos locais, mas agora também em eventos e festivais artísticos que reúnem artistas e influenciadores surdos de todo o Brasil. Os eventos em Libras não são uma novidade, no entanto, antes era comum ver temáticas relacionadas à área acadêmica, conseqüentemente atraía o público acadêmico. Nesse sentido, eu noto que os festivais de arte abrangem uma maior diversidade de pessoas e entendo isso como algo rico a ser cada vez mais estimulado.

Em encontros assim em que os *youtubers* surdos estão presentes como convidados ou como participantes, é comum ver dezenas de pessoas os abordando para falar sobre seu

trabalho digital, tirar foto com eles, se emocionarem e declararem o quanto são fãs desses profissionais. Vejo isso como um modo dos surdos saírem do papel de “espectador digital” e assumindo o lugar de referência (falo especificamente de criadores de conteúdo em redes sociais), algo que antes era limitado apenas para ouvintes.

No *Instagram* é possível que esses *youtubers* entendam melhor a vontade do público através de mensagens privadas, chamadas de *Direct*. Com essa função qualquer pessoa pode entrar em contato direto que esses surdos para expor sua admiração, sugestões, pontos de vista, elogios, críticas e o que mais quiser falar. O influenciador, como o próprio nome já sugere, acaba ocupando um lugar de sabedoria sobre aquilo que ele se propõe a falar no seu canal do *YouTube*.

Sendo todas essas características comuns as dos *youtubers* ouvintes, os surdos também começaram a ser notados por marcas/empresas como potenciais vendedores de seus produtos. Quando um *youtuber* fala sobre algum produto e diz que o aprovou, muitos de seus seguidores, pela familiaridade, se convencerão de que o produto é algo que vale o seu investimento, mesmo sem nunca ter provado. Não é qualquer pessoa dizendo e opinando sobre o produto, mas sim o *youtuber* surdo que eu sigo e admiro – mesmo não sendo nenhum segredo que se tratou de um contrato profissional que envolveu remuneração pelas publicações de marketing¹.

Os surdos como *youtubers* que produzem conteúdo de qualidade atingem número de pessoas, pessoas que confiam no que eles dizem, pois estão em local de destaque, essas pessoas são para as marcas compradores em potencial, mas para falar diretamente com esses compradores a marca precisa do *youtuber*, gerando assim renda para que ele tenha essa função de influenciador como profissão.

3.2 Produção de material bilíngue

Entendemos essa relação entre *youtuber* surdo/influenciador digital com seu público e sobre as estratégias de alcançar cada vez mais números para se estabilizar quanto profissional. Como já dito em outro tópico não são apenas surdos falantes de Libras que acompanham esses trabalhos, mas também ouvintes e surdos oralizados, demandando que os conteúdos tenham tradução em Português.

A maioria dos *youtubers* surdos trabalha sozinho - sem parceria com empresas de tradução -, fazendo com que eles próprios sejam tradutores de seus vídeos, produzidas

¹ <https://www.youtube.com/watch?v=nv7lu4Vm5Z0> Acesso em 10.12.2019.

como legendas em português. Os surdos que se propõem a legendar os próprios vídeos são surdos bilíngues, com fluência intermediária ou avançada no português escrito – mostrarei a produção de dois deles no próximo capítulo.

Acompanho de perto o trabalho de alguns *youtubers* surdos, trocando experiências, dando dicas, ideias e revisando traduções. Escolhi dois projetos para exemplificar e contextualizar como funcionam as etapas de uma tradução feita por um surdo sem formação específica, mas que se propôs a traduzir devido a necessidade e interesse em permanecer trabalhando de forma autônoma.

4. METODOLOGIA

Os materiais apresentados serão *prints* de vídeos em Libras sinalizados por surdos criadores de conteúdo digital, as escolhas dos vídeos se dão pelos diferentes exemplos de processos de tradução que ocorreram nele, especialmente por eu ter acompanhado de perto essas etapas para poder descrevê-las com mais precisão.

Todos os vídeos terão tradução em formato de legenda e áudio em Português. Serão apresentados dois *prints* para um mesmo comparativo, ambos produzidos pelo mesmo surdo, no entanto um de seus vídeos foi traduzido por mim (ouvinte) e outro vídeo por ele, os dois vídeos foram publicados na rede social *YouTube* em modo público².

Dois outros *prints* de um criador de conteúdo surdo serão apontados como tradução – adaptação na modalidade Português para Libras, feita por ele contando apenas com a minha correção na interpretação de algumas sentenças e gramática escrita do Português. Nesse processo eu apontarei o passo a passo da tradução que inicia sendo do Português para a Libras e finaliza da Libras para o Português para a conclusão dos vídeos.

Para embasar as percepções feitas nesses apontamentos que farei, vou me embasar em teorias da tradução e principalmente sobre suas diferentes modalidades, com o intuito de fugir do conceito comum de tradução poder ser realizada apenas por ouvintes.

² Os vídeos estão disponíveis em: link vídeo 1: <https://www.youtube.com/watch?v=6bG5rVYe9oY>; link vídeo 2: <https://www.youtube.com/watch?v=jAkRdBBlcG4> ; link vídeo 3: https://www.youtube.com/watch?v=_AmgovZokWM Acesso em 10.12.2019

5. MATERIAIS TRADUZIDOS PELOS CRIADORES SURDOS

Os youtubers surdos que selecionei para apresentar o trabalho deles aqui como modelos de tradução são o Gabriel Isaac e o Roberto Castejon - ambos são surdos bilíngues -, pois tive a oportunidade de participar diretamente da tradução e correção dos vídeos que serão exemplificados.

Gabriel, 22 anos. Reside em Goiânia – GO, filho de surdos, fluente em Libras e Português na modalidade oral e escrita, faz uso de aparelho auditivo. Roberto, 24 anos. Reside em Hidrolândia - GO, filho de ouvintes sem mais surdos na família, é fluente em Libras e em Português na modalidade escrita, fez uso do implante coclear por alguns anos na adolescência sem o desenvolvimento da oralidade, atualmente não faz uso de tecnologias para a expansão da audição.

Isflocos, o canal do Gabriel, teve seu primeiro vídeo publicado há 10 anos, titulado como “SURDOS E SUAS DIFICULDADES DE COMUNICAÇÃO³”, um vídeo em Libras com legendas inseridas apenas anos mais tarde. Durante 7 anos este foi o único vídeo do canal, que foi retomado há 3 anos com o vídeo “VOLTEI DEPOIS DE 7 ANOS⁴” e desde então o canal não parou mais de produzir conteúdo, que varia entre temas que abordam a Diversidade da comunidade surda, Representatividade das minorias, Músicas em Libras, Vlogs, e Entrevistas.

Beto Castejon, o canal do Roberto publicou seu primeiro vídeo em 2016 com o tema “TOP 5 SÉRIES”, canal que inicialmente abrangia maior variedade de temas como Vlogs, Participações de convidados, Perguntas - Respostas e Brincadeiras, no entanto, aperfeiçoou seu conteúdo para vídeos que falem sobre temas da história do mundo e do Brasil em Libras, como os vídeos “OS PRIMEIROS ASTRONAUTAS⁵”, “POR TRÁS DOS ATAQUES DE 11 DE SETEMBRO⁶” e “9 MISTÉRIOS DA ÁREA 51⁷”

5.1 Modelo de conteúdo traduzido na direção Libras – Português

Os vídeos do Gabriel Isaac são traduzidos da Libras para o Português, inicialmente pensados no formato de roteiro e seguindo um fluxo mais natural durante a sinalização/gravação, sendo pensado como tradução de fato após a gravação, em que o

³ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=xVKOLloBn6g> Acesso em 10.12.2019.

⁴ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=xVKOLloBn6g> Acesso em 10.12.2019.

⁵ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=eVwVxcF3HA8&t=1174s> Acesso em 10.12.2019.

⁶ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=zETu55h4XwE>) Acesso em 10.12.2019.

⁷ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=TsLZeN6Cbag> Acesso em 10.12.2019.

vídeo é revisado e legendado, tornando-se bilíngue. Essa tradução inicialmente era feita por ele, contando posteriormente com a correção de ouvintes, sendo eu uma delas em alguns vídeos.

Primeiramente vou apresentar imagens de um vídeo traduzido pelo próprio Gabriel, é um conteúdo que aborda o tema da redação do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) 2017, que foi “Desafios Para a Formação Educacional de Surdos”. O vídeo tem 9min e 58seg, sinalizado em Libras e com legenda em Português feita pelo Gabriel, revisada por um tradutor ouvinte. Abaixo imagens do vídeo:

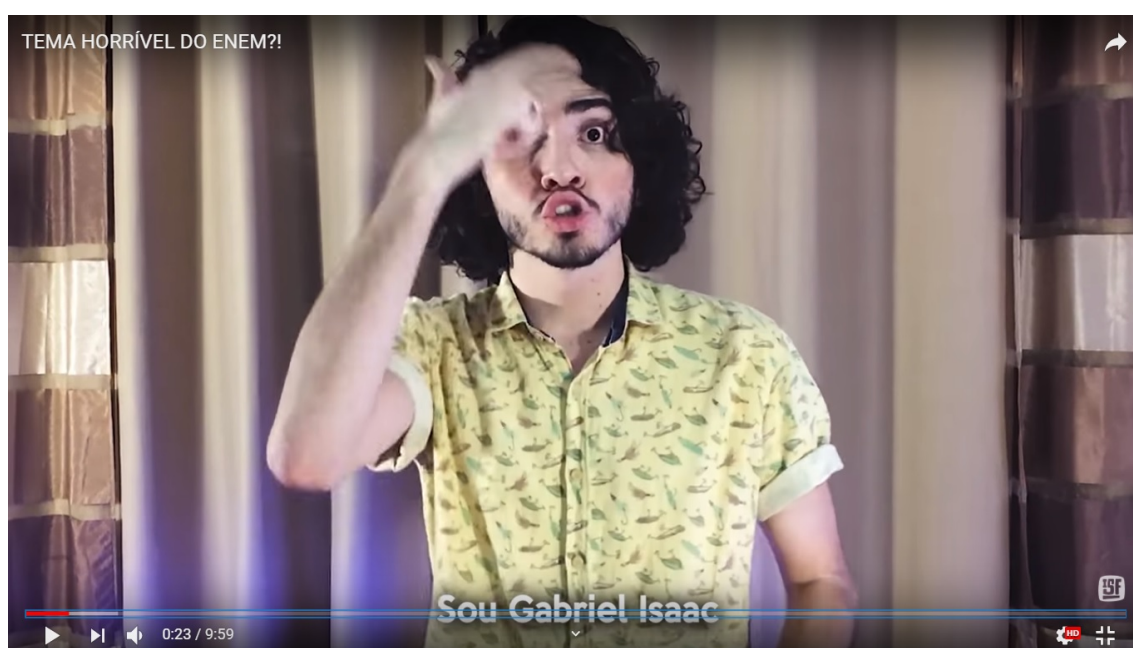


Figura 1- Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=jAkRdBB1cG4>. Acesso em 14 de novembro de 2019.



Figura 2 – Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=jAkRdBB1cG4> Acesso em 14 de novembro de 2019.

O processo de tradução do vídeo acima iniciou na leitura do roteiro, escrito pelo Gabriel, posteriormente gravado em Libras sem treino de escolhas tradutórias, após o vídeo editado e tratado veio então a legenda, que é a tradução que apontamos aqui.

No vídeo ele expõe sua própria opinião sobre a polêmica na época que rodou as redes sociais, em que muitas pessoas não concordaram com o tema escolhida para a redação daquele ano. O Gabriel como pessoa surda se posicionou com argumentos e propriedade, e como se tratava de seu próprio discurso, possivelmente facilitou na compreensão tradutória, o “como ele mesmo diria aquilo em Português”, diferentemente de quando traduzimos o discurso de uma outra pessoa, que é necessário mais do que o bilinguismo, é indispensável também conhecimento de técnicas tradutórias.

Esse pensamento me remete ao início deste trabalho, em que relatei que um aluno surdo ingressou na graduação de Tradução e Interpretação em Libras e Português e aquele espaço foi entendido por alguns como um lugar que ele não deveria ocupar, pois não foi pensado para ele. O vídeo do Gabriel mostra claramente uma tradução feita por um surdo bilíngue, que poderia traduzir ainda mais conteúdos de diferentes discursos se tivesse acesso às técnicas específicas. Será mesmo que o campo de tradução entre línguas orais e de sinais não são práticas para surdos?

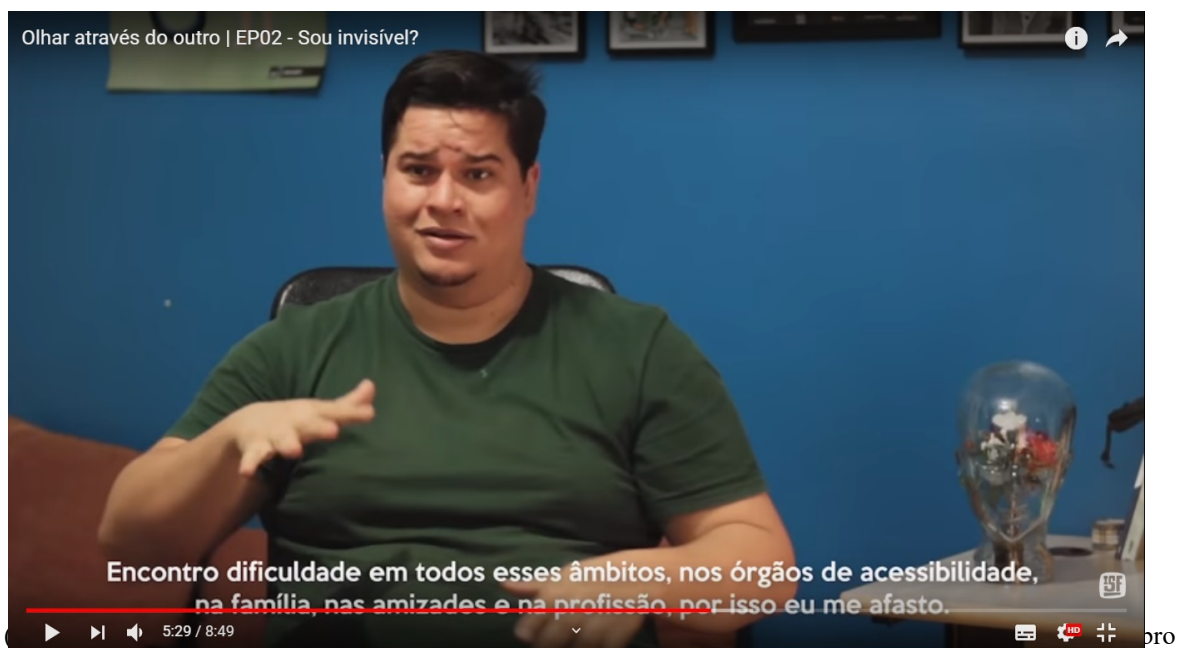
Continuando essa reflexão, a seguir trago mais imagens de um outro vídeo do Gabriel, que é o segundo episódio de uma série de entrevistas publicada entre 2018 e 2019. A série é composta por quatro vídeos, cada um deles tem como convidado uma pessoa surda falando sobre sua experiência sensorial singular, com o intuito de expressar a diversidade de perfis da comunidade surda.

O vídeo do segundo episódio entrevista o surdo poeta e professor, morador da cidade de São Paulo - SP, que conta sobre sua experiência enquanto surdo numa sociedade majoritariamente ouvinte, incluindo âmbitos familiar e profissional:



Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=6bG5rVYe9oY&t=329s> Acesso em 14 de novembro de 2019 .

Esse primeiro recorte mostra o início do vídeo em que o Gabriel contextualiza sobre o tema e a entrevista que virá posteriormente. Em seguida o recorte com a parte da entrevista que mostra uma única pessoa no enquadramento, o Fábio de Sá, que dá suas respostas também em Libras para a câmera:



de 2019 às 21:07)

O vídeo “Olhar através do outro | EP02 - Sou invisível” foi traduzido da Libras para o Português na modalidade escrita (legenda), que gerou o texto para a dublagem (Português oral - áudio do vídeo). O processo iniciou com a ideia da série “Olhar através do outro” que foi apresentada a mim, para que eu não tivesse acesso às ideias dos vídeos individualmente, mas sim que eu já tivesse noção ampla sobre o conceito que a sequência de vídeos traria para o público.

O Gabriel me deu liberdade para fazer minhas escolhas tradutórias, se disponibilizando a tirar quaisquer possíveis dúvidas. Foram aproximadamente 4 horas para concluir a tradução e revisá-la, que na ocasião consultei uma colega surda que reside em São Paulo, assim como o entrevistado, me auxiliando com a compreensão de duas expressões regionais das quais eu não tinha certeza sobre os significados; pedi para incluí-la nos créditos como tradutora por sua intervenção.

Após entregar a tradução escrita, o Gabriel me consultou a respeito da dublagem - feita por um dublador parceiro de seu canal - que não conseguia acompanhar a legenda na mesma velocidade. Assim, pude orientá-los de que o Português escrito e o oral são distintos em seus usos, podendo falar algumas palavras de forma abreviada sem serem vistas como “erradas”, e que a dublagem não necessita ser idêntica ao texto escrito, que

seria uma tradução intralingual, ou seja, uma outra forma de falar o mesmo de um jeito diferente, se adequando a modalidade, sendo escrita e oral diferentes.

5.2 Modelo de conteúdo na direção Português – Libras

Os recortes que apresentarei agora são de um outro modelo de tradução feita no canal Beto Castejon, pelo idealizador Roberto. O vídeo se chama “QUEM É O PAI DA AVIAÇÃO?”, publicado em 2018, o vídeo em Libras com legenda em Português tem duração de 26min e 56seg, que conta a história sobre a invenção do avião e questiona sobre quem realmente desenvolveu o primeiro protótipo que conseguiu alçar voo. Na sequência dois recortes do vídeo:



Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_AmgovZokWM Acesso em 28 de outubro de 2019.



às 01:57)

O vídeo “QUEM É O PAI DA AVIAÇÃO” do Roberto, assim como todo seu conteúdo é iniciado com uma pesquisa histórica sobre o tema, tendo muitos sites e vídeos disponíveis na internet como referência. Ele faz um compilado de trechos copiados desses sites, criando uma sequência histórica para o roteiro, ou seja, os textos não são de sua autoria, exceto pelos complementos que faz de sua fala, como gírias, comentários e opiniões próprias, no entanto, o conteúdo principal é trazido de outros autores.

Após ter construído o roteiro com textos tirados da internet, de fontes confiáveis, Roberto inicia o processo de traduzir todo o conteúdo para a Libras, tendo como principal objetivo tornar a didática mais visual possível, descolando da estrutura do Português, mantendo a datilologia dos termos importantes para a contextualização e também os nomes próprios.

Para contribuir com a construção visual, Roberto ilustra e adiciona efeitos visuais em seus vídeos compondo o que entendemos como verbo - visualidade, que é quando se faz uso de recursos visuais (além da língua visual) para complementar o discurso, tornando-o mais acessível para a compreensão de diferentes perfis possíveis ao público – a comunidade surda é um grupo com diferentes características, não encaixando todos os surdos num só olhar.

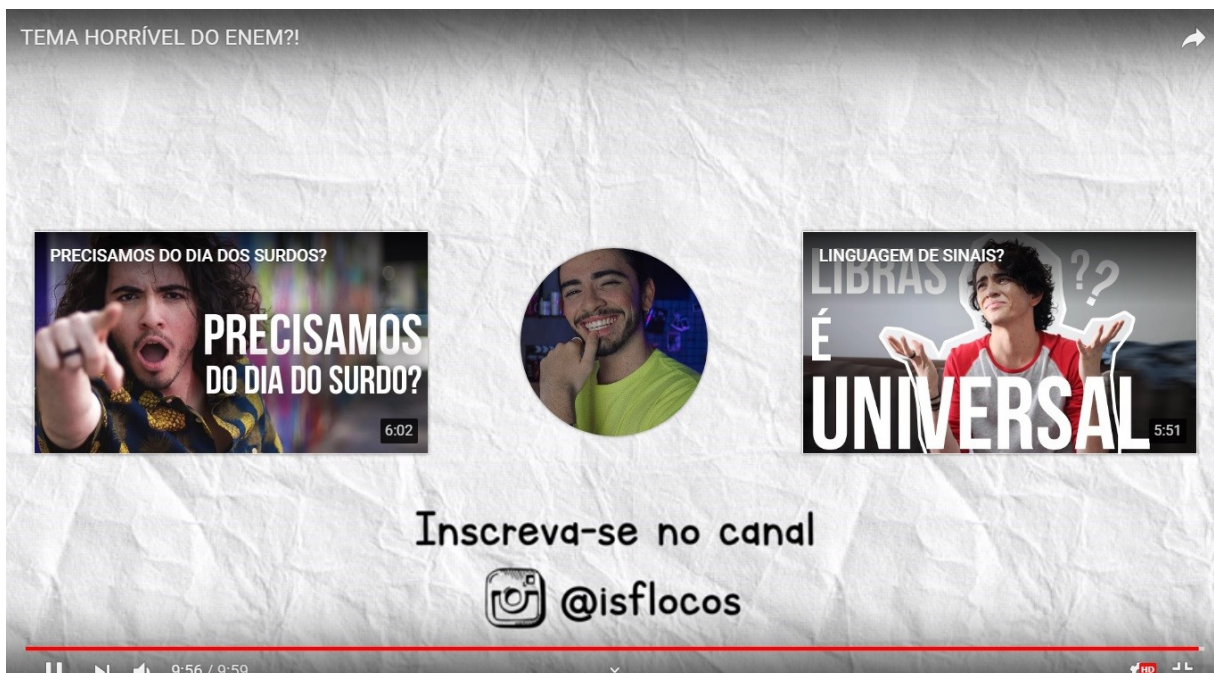
O estilo dos vídeos do Roberto, por contarem histórias muitas vezes ocorridas em tempos diferentes do atual são difíceis de imaginar, para isso a verbo – visualidade traz mais clareza as informações, locais e pessoas envolvidas, como

Podemos observar, por exemplo, que o elemento visual vai articular-se ao verbal de maneiras diferentes em cada enunciado, interferindo na forma de composição, no estilo e, conseqüentemente, nos temas produzidos. São, portanto, projetos de construção de conhecimento verbo-visualmente constituídos (BRAIT, 2013, p. 63).

A tradução realizada pelo Roberto é feita do Português (que ele coleta na internet) para a Libras que ele grava para seu canal, contando com seus complementos que expressam seu posicionamento sobre a temática envolvida na produção. Nesse vídeo e em outros atuei como corretora, formalizando a ordem do texto e a gramática, também, em vários momentos discutimos em conjunto sobre a melhor forma de dizer em Libras o que está escrito em Português no roteiro.

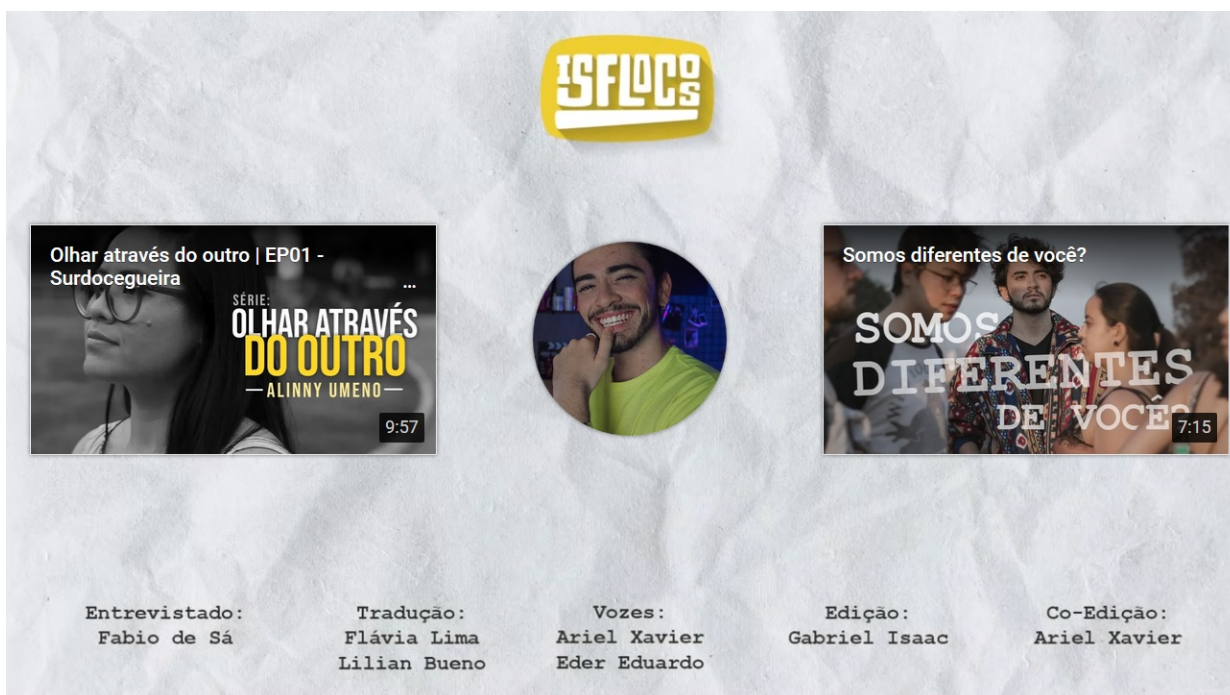
5.3 Comparação de créditos em vídeos traduzidos por surdo e ouvinte

Como apresentado no item 5.1, apresentei recorte de dois vídeos do Gabriel, um deles traduzido por ele surdo, outro traduzido por mim ouvinte. Agora apontarei o recorte final desses dois vídeos, mais especificamente o momento destinado aos créditos. No primeiro recorte, Gabriel não se deu os créditos como tradutor:



Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=jAkRdBBlcG4> Acesso em 15 de novembro de 2019.

Já no segundo recorte, retirado do vídeo traduzido por mim, ao final Gabriel dá os créditos de tradutora para mim, adicionando a meu pedido o nome da colega surda a quem consultei durante o processo tradutório:



Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=6bG5rVYe9oY&t=329s> Acesso em 15 de novembro de 2019.

Quando Gabriel realizava o trabalho de tradução sozinho ele não via essa prática como profissional, a partir do momento em que ouvintes passaram a realizar efetiva participação no processo de criação de seus vídeos, viu-se ali a necessidade de nomear funções, incluindo a de tradução e de dublagem realizada por ouvintes.

6. CONCLUSÃO

Os surdos influenciadores digitais atingem uma massa de pessoas, se comparado com os surdos acadêmicos, que também cumprem importante papel e são modelos para a comunidade surda. No entanto, ao usar as redes sociais como meio de contato com o público é possível ampliar e diversificar quem são aqueles que serão estimulados pelas novidades produzidas.

Os líderes surdos costumavam estar nas universidades ou nas associações, o que gera pouco alcance se comparado com o movimento que acompanhamos hoje nas redes sociais. Acredito ser de grande importância essa representatividade virtual, pois ela chega até os surdos isolados em pequenas cidades do interior, surdos que em alguns casos não tem maneira de contatar a comunidade surda, exceto pela celular.

Esse grande alcance tem importância social, tirando muitos surdos da falta de informação e falta de referência, não apenas pelos modelos surdos que eles acompanham nas mídias, mas principalmente pelos conteúdos produzidos por eles que leva conhecimento e reflexão. Convivendo com essa comunidade compreendi que suas representatividades têm o poder de mobilizar atitudes positivas para todo um grupo, despertar sobre o papel individual e seus locais de fala.

A graduação não me deu todas as respostas, mas me construiu como uma profissional que questiona e que compreende que não resposta é o que nos desloca para uma prática melhor e mais entusiasmante, mas sim as perguntas. O que concluo é que surdos podem sim atuar como tradutores sem que haja uma graduação pensada para eles, afinal, o que esperamos é que todos os espaços sejam preparados e/ou adaptado para todos.

Idealizar que uma graduação de tradução e interpretação em Libras e Português é feita apenas para formar ouvintes reforça o ultrapassado assistencialismo envolto na comunidade surda, que coloca o surdo apenas como consumidor e não como produtor de traduções.

Com a ampliação das redes sociais aumenta-se também as possibilidades de práticas de todos, incluindo das pessoas surdas. Hoje mesmo já havendo muitas Universidades que oferecem especialização em tradução de Libras – Português há muitos profissionais ouvintes sem esse estudo, que se aperfeiçoaram na prática, construindo os

conceitos no dia a dia. O que as redes sociais têm mostrado é que surdos também tem ocupado esse espaço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, F. SOUZA; BARBOSA E. ; LOURENÇO, G. **Diferenças entre tradução e interpretação a língua brasileira de sinais (LIBRAS):** uma análise sobre hesitações. I Congresso Nacional de LIBRAS da Universidade Federal de Uberlândia. Anais do I CONALIBRAS – UFU, 2015.

BAPTISTA, A. R.; RIBEIRO, A. E. do A.; RIBEIRO, A. A. Tecnologias midiáticas e interação bilíngue: blogs como ferramenta de comunicação e aprendizagem. In: BARROS, A. L. E. C.; CALIXTO, H. R. S.; NEGREIROS, K. A. (orgs.). **Libras em diálogo:** interfaces com o ensino. Campinas: Pontes, 2017.

BRAIT, B. Olhar e Ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso.** São Paulo, 8 (2): 43-66, Jul./Dez. 2013.

GUARINELLO, A. C. et al A inserção do aluno surdo no ensino regular: visão de um grupo de professores do Estado do Paraná. **Rev. bras. educ. espec.**, Marília , v. 12, n. 3, p. 317-330, Dec. 2006 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382006000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 27 Nov. 2019.

LACERDA, C. B. F. de. **O intérprete de língua Brasileira de Sinais:** Investigando Aspectos de sua atuação na educação infantil e no ensino fundamental. Porto Alegre: Mediação, 2009.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Estudos Linguísticos da Língua de Sinais.** Porto Alegre: Editora ArtMed. 2004.

QUADROS, R. M.; SEGALA, R. R. Tradução intermodal, intersemiótica e interlinguística de textos escritos em Português para a Libras oral. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 354-386, out. 2015. ISSN 2175-7968. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35n2p354/30718>>. Acesso em: 27 nov. 2019.

RODRIGUES, C. H. A interpretação simultânea entre línguas e modalidades **Veredas online**, atemática, v. 17, n. 2, 2013.

SANTOS, S. A. **A tradução/interpretação de língua de sinais no Brasil:** uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) Universidade Federal de Santa Catarina. 2013.

VILHALVA, S. Anatomia do sentimento surdo. In: PERLIN, G.; STUMPF, M. (orgs.). **Um olhar sobre nós surdos** – leituras contemporâneas. Curitiba: Editora CRV, 2012.